

MARTI-S. PAULO





Episodio

da

# Infernal Comedia

ou da

minha Viagem ao Inferno.

Per me si va ~~nella~~ città dolente ;  
Per me si va nell' eterno dolore ;  
Per me si va tra la perduta gente !

---

Inferno.

Rua do fogo, canto da rua do Sabão.

—  
1836.



**Episodio**  
**da Infernal Comedia.**





Episodio  
da  
**Infernal Comedia**  
ou da  
minha **Viagem ao Inferno.**

Per me si va nella città dolente ;  
Per me si va nell' eterno dolore ;  
Per me si va tra la perduta gente !



**Inferno.**

Rua do fogo, canto da rua do Sabão.

—  
1836.

---

PARIS. — IMPRIMERIE DE BEAULÉ ET JUBIN,  
Rue du Monceau Saint-Gervais, 8.

# **Peço a Palavra.**

Vede-vos, meus amigos, n'este espelho.

**A Hydra virulenta da ambição, er-  
guendo a cauda em compassadas oscilla-  
ções, bate com o torax sobre o saxeio da  
nau do estado, qual leão combatendo em  
furia as vagas, atravessa o argenteo salso  
para dardejar no abysmo anarchico a ba-  
leia, que desliza, adejando no firmamento**

phosphorico, qual abutre em alpestres, alcantiladas planices.... Fora! fora! Que este estilo he de Juiz de Paz, quando proclama nos dias de *rusga*; este estilo gualdripa-me o fio da abalada de minhas azas, pois ja sinto cocheiar o entusiasmo, a não ser a muleta do escopo que sustenta-me a nobilissima missão. A historia he outra, meus amigos! O sermão occulta-se na casca de um tatû, mas offerece ao padar bello naco de gastronomo, e..... Mas o tempo voa, e as asneiras s' engendrão com o batido das azas do velho armado de facão de tanoeiro, e os amados leitores esperão o resultado da obra, como acontece com as providencias e medidas de nossas Portarias e Decretos, verdadeiros rojoens que apparecem no ar, e deixão boquiabertos os mizeros credulos, que

dizem : oh ! isto sim ! isto he bello , e faz estrondo. Não ha nada como este governo !

Ora escutem e sem susto emplastrem os ouvidos.

Era um dia , uma noite , estava deitado , dormindo , ( não posso dizer o tempo que fazia nem a hora , se havia lua ou chuva ) e sonhava que emgrimpinava um pico , como o Pão d'Assucar ; suava por todos os membros , e tudo isto por meu divertimento , porque sendo inimigo da ociosidade , e não podendo occupar-me em couzas uteis , occupo-me em couzas fúteis , inda que salgue com minhas lagrimas o pão que me nutre , pois de certo que esta época não falla d'outra maneira ao coração do... Como hia dizendo , sonhava ; e logo que attingia o cimo , ah ! sim , era no Brasil , e na sua Capital ! gozava da

vista mais bella que se pode imaginar, de maneira que Constantinopla, Napoles e Genebra estavam mamadas na minha imaginação; eu percorria os olhos sobre as collinas do Castello, de S. Antonio, S. Bento, Conceição, S. Diogo, via as ruas tão direitinhas como n' um xadrez, mas vazias de gente; admirava as *torres do Carmo*, os *dous zimbórios da Candelaria*, a *limpeza do campo de S. Anna*, respirava o *aroma da praia do peixe*, e maravilhava-me vendo o *caies do Passeio publico*, e *Chafariz do largo do Roscio*, cuja baze, he proporcionada á altura, e aformozeado a maneira de *pyramide aérea*; via o *outro de Santa Rita*, cujas agoas filtradas pelo concavo das caveiras do antigo cemiterio darião um licor moribundo, e narchotico como o impulso

que o governo dá ás Artes e á Industria ; até o Sacco do Alferes via , que apesar da boca tapada , couza que se requer neste tempo , descortinava scenas mais burlescas que as do Reino da estupidez ; emfim olhei para S. Christovão , para o Largo do Paço , e para a Ilha das cobras e..... Mas eis que vejo ao longe resplender um metéoro , descrevendo caracoés no ar como um buscapé , voltar , e revolver-se ; (olhem que tudo isto era sonhando) e o diabo do negocio cada vez se complicava mais. Cuidei ao principio ver um *Omnibus* carregado de gente , ou alguma *Carruagem de vapor* ; mas lembrei-me que o primeiro julgou-se desnecessario , e couza velha ; sem nunca ter feito apparição em nossas plagas ; e que a segunda he desnecessaria , pois cabal vapor fumea

nas cabeças que refórmão, que âmão a  
igualdade, e a liberdade quando lhes  
convem aos seus projectos; em fim, meus  
amicíssimos, a couza fez tantas voltas e  
tão complicadas como a nossa organização  
social; te que aproximando-se, e fazendo  
sempre chuii, chuii, furruu, furruu,  
turruchiu chiu, chiurrii... ii... pôn,  
bonn... olhem que elle voava na terra, e  
caminhava no ar; e depois de muito an-  
dar, o telescopiei distinctamente, e pas-  
mado fiquei! Ora, amados Leitores, era  
o corpo santo, no mar; era o passaro  
Boitatá com suas azas de fogo; era um  
fogete lançado por algum desipteressado  
Patriota em signal de alegria, do pingue  
emprego que grangeára em sacrificio a  
seus trabalhos liberaes; mas não era isto;  
era um Diabo, como fora do Brazil outro



não vi; tinha a cabeça semitapuia, e o corpo revestido d' escamas verdes e amarellas, com azas de peixe voador salpicadas de foguinhos de mil cores, e da cauda lançava o tal jorro de flammias, que tanto me atormentou a paciencia : escutem.

O tal Diabo era uma diabrura viva, pois tinha o talento de metamorphosear-se em mil maneiras, e tão rapidas, que me não davão tempo a observa-las bem; mas cansado no fim, andou mais lento; e então, então vi o bichinho sem microscopio. De frente representava perfeitamente o retrato de um sevandija de faca e cacete, judeo errante de praças e esquinas, querendo figurar no foro dos negocios politicos; de lado parecia-me certo carão estúpido que almeja o rostro parlamentar para desenrolar da boca uma

amarra de asneiras ; e pelas costas cuidei ver o iconico vulto de certos cataventos, que virão focinho para onde ha melgueira monetaria, e só se movem com o vento que lhe refresca a calidez do interesse ; verdadeiras sanguexugas que mânchão o lago da Patria, e só servem para devorar. Mas como hia dizendo, meus amados ouvintes, derrepente transfigura-se em *milhafre*, e rouba nas prezas dous *moleques novos* ; passa a *papagaio*, e nutre-se de *feijão preto* ; vira-se em *sabiá*, e entôa a hymno da *prosperidade do paiz* ; passa a *tucano*, e voltija á roda do thesouro querendo *meter o bico* de janellas a d'entro ; transforma-se em um rio como o *canal da Pavuna*, e principia a lançar, *tubarcoens, tubarcoens* d' agoa doce, que inda são peores que os do mar ; *tubarcoens* que

tinhão guela desmedida , maior que o espaço d' um sacco de conto de reis em cobre, e os taes peixinhos principião a pôr ovas, e das ovas então sahio toda a especie d' animal, *rapozas* a cento, *ratos* a milhares, *cavallos* fogozos, e *potros* indomados, e a final um *burro*, e que *burro* tão desavergonhado! por que em logar de andar como andão os burros, não; veio de revez como caranguejo, e sella-me um couce na boca do estomago, e as costellas rincharão com dores agudissimas; oh! que dores me percorrêrão as visceras, mas o *burro* ópera, e não falla; donde resulta um merito utilissimo para certa gente que ópera; e quer encontrar silencio, por resposta. Olhem que isto he sonho, e por isso continuo... Levei'a patada, e cahindo da rocha a baixo, rolei de calhão em calhão

até que parei d' encontro a um tronco !  
Oh que afflicção ! Acordo em sobresalto,  
abro os olhos, e acho-me no chão, com  
o lençol envolvido e arrochado no pes-  
cosso, o braço direito por baixo das cos-  
as em posição forçada, e o esquerdo no  
ar, a perna direita encolhida e a esquerda  
estendida e dormente ; olho em torno,  
vejo claro, e tão claro que até via a vella  
apagada em cima da banca ; sinto colicas,  
e procuro certo vazo, levantando-me, eis  
que tudo escurece, e um arripiamento de  
neve tiritou-me em todo o corpo ; faço  
um passo, e dou com o pé em um volume,  
e pareceu-me pizar lava ardente ! Terrivel  
pressentimento se apodera de minha alma ;  
a cabeça era uma fornálha, e o corpo  
gelo ; mas do fundo do coração senti uma  
voz que me disse : Christão, onde está a

tua fe? E o meu coração respondeu, no Senhor, no Senhor que tudo rege! Fiz oração, e segurei no volume; eis que sinto alguma cousa illuminada mas confuza entre as folhas semiabertas, abro a primeira pagina e leio, em letras de phosphoro : *Comédia Infernal*, ou *minha Viagem ao Inferno*. — Os dedos perdêrão o tacto, e o livro cahio-me das maos; fiquei suspenso por alguns minutos, mas alfim a reflexão veio abrir-me as portas da razão. A vaidade do nosso seculo, que quer campar por incredulo, tinha exercido sua funesta influencia sobre mim té hora, mas o véo cahio, e hoje tudo acredito, por que tudo he possivel : apezar d'estas estranhas sensaçoes o bichinho da curiosidade veio fruir-me no coração uns desejos, aos quaes não rezisti, e segu-

rando no livro virei folha ; e principiei a ler , pela primeira vez , em letras de fogo ; e vi a seguinte epigrapha , do immortal Alighieri.

Per me si va nella città dolente  
Per me si va nell' eterno dolore ;  
Per me si va tra la perduta gente !

Caspite com a mecha ! disse eu cheio de horror , será isto um Itinerario de Inferno ? Continuei e li :

« Esta obra não tem author ; aquelle  
» que a lança no mundo não he mais que  
» um tachigrapho que a apanhou durante  
» seu desenvolvimento : n'ella vereis os  
» homens mudarem de vestes como a la-  
» garta , serem borboletas voluveis , e to-  
» marem a côr da planta que as nutre ;  
» serem transitorios d'aguia a verme , co-

» roarem-se d'astros, e mergulharem-se no  
» lodo; n'ella vereis a Thesouro Nacional  
» servindo de pia batismal com seus cofres  
» onde os *padrinhos* so la conduzem os  
» *afilhados*, e lavão-lhes as manchas do  
» peccado original com bons empregos, e  
» bons ordenados; pia que saptisfaz a sêde  
» da ociosidade, agoa que purifica as ma-  
» zelas da estupidez; agoa que, depois de  
» lavar mil almas empestadas, he derra-  
» mada sobre o solo do Brazil, e desenvolve  
» os miasmas que gerão a febre anarchi-  
» ca, e corrompem a população, destruindo  
» a esperança d'amanhã, e collocando  
» o cidadão na incerteza de sua carreira,  
» fazendo-o *egoista* a força: emfim esta  
» obra mostra o plano em execução activa,  
» de como se desgosta todo o mundo,  
» dando pouca atenção ao merito, e á mo-

» ral, e o como se consolidão os elemen-  
» tos que tendem d'um vortice a des-  
» truir para sempre um Imperio, que  
» podia em curto espaço brilhar na terra,  
» pelas artes, e pelo genio de seus habi-  
» tantes. »

Bravo, bravissimo! repeti, o Diabo não he  
tão máo como pensava ; anciozo continuei  
vendo maravilhas ; té que cheguei a este  
bocadinho rechiado de unção.

« He permetido que o charlatão suba  
» ao cimo da pyramide do merito, e de la  
» lance a vista para baixo, e contemple  
» com um riso impudente, e desprezível  
» a victoria de sua audacia? He permetido á  
» ignorancia abafar a voz de genio? He per-  
» metido que o vicio colore suas vestes com  
» a tinta da virtude, e que aquelle lance



» luma sobre o diadema d'esta, e en-  
» toe o hymno do triumpho? He perme-  
» tido que uma Nação seja vilipendiada,  
» fora, na pessoa de um estúpido e mal-  
» vado que a representa, so pela cegueira  
» d'um d'esses chamados patriotas, que  
» sacrificão a dignidade da Patria ao seu  
» interesse, ou capricho de vingança?  
» He permitido sacrificar uma geração  
» ao proveito de um ociozo? He perme-  
» tido obra-lo, he permitido continuar.  
» mas não será ao historiador escreve-  
» lo?.... »

» Sim senhor, senhor author infernal,  
ambos tem razão; vossa authoridade no  
que diz, e elles no que fazem! Mas como  
ecapar? escapos estão elles, por que des-  
conhecem duas cousinas, uma chamada  
*História*, e a outra *Posteridade*; ambas

mui gaiatas; a primeira he rainha mexe-  
riqueira, por que tudo conta, e a se-  
gunda, que está de ouvido alerta, vai  
ouvindo, derrepente agarra n'uma va-  
çoura de lixo, e bezunta a cara dos mal-  
vados que passam : olhem que isto não he  
por malvada que o faz, mas por sentimento  
do justo, por que la de vez em quando larga  
a vaçoura, corre ao jardim d'apothese,  
e colhe as flores da eternidade, tecendo  
uma coroa para ornar a fronte do merito;  
emfim, meus amicissimos, vamos, ao  
cazo : dizia mais o tal prologo :

« Se as scenas que se passam n'este  
» Poema são no Inferno, ou na terra,  
» não sei, porque ignoro se vivo no In-  
» ferno, ou na terra; e a razão que me  
» obriga a tira-lo a luz he clara. » —  
Où s'arrête la loi, la satire commence. —

O dia veio apparecendo , e eu amaldiçoei o dia pela primeira vez ; as letras fôrão-se apagando , e o papel esclarecendo-se , fiquei em branco de todo ; mais eis que derrepente principio a ver de novo as letras , assim como ao longe bruxulêo os montes ao viajante , fôrão-se enegrecendo te que de novo vi claro os caracteres semigothicos da obra. Fiquei pasmado , mas disse por remate : viva o Diabo , e suas magicas !

Acabei o Prologo , e passei ao Poema. Oh ! meus amigos que maravilha , que variedade de quadros ; e que verdades ! Ora via Dante , escrevendo com sua austera imaginação ; ora Ariosto com a sua prodiga variedade e invenção ; era Milton eo Pandemonio ; era Tasso , e Ismeno magicando tranpolinas ; monstros

e appariçoens mais horrendas que Adamastor ; Faustos , e peixinhos que Goethe e Shiller não conhecêrão ; em ultimo, Edgar Quinet não tem beiços para pintar tantos judeos errantes , novos *Ahasverus* politicos , que dão supapos na face da honra , e paixão de ruina em ruina dos nossos systemas politicos , seguindo o fado peregrino do interesse e da ambição , até acharem o *Juizo universal* de um Ministro que lhes abra as portas do paraizo monetario , e os coroe com o barrete de um decreto , em logar de capella , e os orne de uma bolça recheada de patacoens mensaes , unica palma conveniente a taes bemaventurados. Amen.

O tal trovador diabolico resuscitou o passado , pintou o presente , e prolongou-o no futuro ; ca para mim , o pas-

sado , passado ; o presente me interessa muito , porque abre as portas ao futuro , e descarga sobre a cabeça de nossos filhos o diluvio de males que se augmentão quotidianamente. Prezo pelo cangote , senhor presente , alto lá , que a pezar de não ser morcego , faço policia diurna e nocturna , e não quero que os meninos de collo venhão amaldiçoar-me ; verdade he que tenho mais medo das crianças que dos velhos ; e os filhos das crianças o que não dirão elles desta epoca de transiçoens rapidas , em que se opéra em uma semana o que se opéra n'um seculo na caza dos outros ? Mas o que val he que tudo he escripto no papel , por que da palavra á acção vai a mesma distancia que da ideia á palavra.

Esta Comedia não he Classica nem Ro-

mantica, he Verdadeira; está dividida em actos intercalados de entreactos, dos quaes offerecemos um porque o julgamos *ad rcum*; sirva esta migalha de prova do manjar, ou panno d'amostra, pois so direi, que esta unha do dedo minimo, que o colosso bota fora da caverna, cabal proporção mostra da dimensão do dedo; e pelo dedo se conhece o gigante.

Talvez o publico de bom senso, estimasse mais ver o anel com todas as suas pedras, mas com o anel he grande, e as pedras em relação, passando de mão a mão poderia desencravarem-se algumas, e cahirem sobre a cabeça de algum *innocente*, contra a vontade do Editor, negocio perigoso. *Ahi* vai esta piorra, zuna ella como zunir, quem não gostar da mu-

zica da verdade, fuja, mas fuja com cuidado, porque pode enlaçar as pernas na longa fieira que a move, e ficar prezo eternamente. Fáção como os habitantes da *Torre del greco*, em Napoles, que quando ouvem roucar o Vezuvio, enrólão a trocha, e mandão-se mosquear com medo da errupção : ou como os Diplomatas Brasileiros, que todas as vezes que entra novo Ministro, o que se vê todos os seis mezes, poem-se em ordem de marcha, esperando o infausto Paquete, onde vem os novos Afilhados; e inda bom he quando o Ministro ordena que a seringa do Thesouro lhes preste huma Adjuda de custo para com honra evacuarem a terra onde não tem pai mem mae; por que as vezes acontece o contrario, e por honra, e dignidade da Nação os abandonão em

terra estranha a todo o genero de privaçoens, comprando huma fingida economia com o descredito nacional, verdadeira hypocrizia de administração, que tende a mascarar o jogo do vai vem da protecção.

Ora, ora vejão como eu hia escorregando sobre a baboza da politica!!! Verdadeiramente reflectindó eu, acho que não he com má tenção que elles fazem isto. Talvez por não saberem; por que em fim quando elles podem fazer couza boa, a fazem; e o exemplo ahi está nos livros, que agora págão direitos! Um homem que não entende de Economia politica, cuida que isto he máo, porem eu explico pela *fineza* dos fazedores da *Lei*. « Excita o pão vedado o apetite. » Ora a civilisação achava-se atrazada por falta de curiosidade; logo pondo-se um direito nos li-



vros todo o mundo ha de querer ler, para não fazer o gostinho ao Governo, e eis aqui que a civilisação marcha, e o Governo ganha inða em cima. E então ?

Mas aque propozito venho eu com estas couzas ? He para não negar elogio aquem o merece ; vejão que sou justiceiro !

Adeos, Patuscoens, até a volta !

Vosso venerador e creado.

*Muta-Lombardo.*





## COMO ME ACHEI NO INFERNO.

I' non so ben ridir com' iòv' entrai.

DANTE.



De São Bartholomeo no infausto dia,  
Em qu'os Diabos fazem travessuras,  
'Stava eu dormindo, e um sonho me affligia,  
Sonho composto só de diabruras.  
O Vesuvio a meus pés me parecia,  
Eu andava gyrando nas alturas  
Entre lavas, calhãos em grossa enchente;  
O entre lavas eu era lava ardente.

Eis se não quando, que terrível cousa !  
Me vejo perseguido por um demo ,  
Que me puxa; ante mim s'ergue uma lousa;  
Surge um espectro pallido no extremo ;  
Vem p'ra mim , e com ar triste se pousa,  
E mal pode suster-se; ao vel-o tremo :  
Vem , me diz elle , vem , oh desgraçado ,  
Ah vem ver como eu sou tão maltratado.



Onde queres qu'eu va? eu lhe demando :  
O Inferno, ó Inferno, disse ; eu todo afflicto  
Observei, quando s'elle foi virando,  
Que nas costas seu nome estava escripto.  
Mas cada letra s'hia separando ,  
Estavão todas no maior conflicto ;  
Vi B , um R , um A , S , I , e um L ,  
Pondo em ordem, vi qu'era o nome d'elle.

Lendo o nome, fiquei todo tremendo,  
E só sangue dos olhos me corria.  
O phantasma hia já des-parecendo,  
E minha alma em pedaços o seguia.  
E por todo o caminho foi gemendo,  
Té qu'entramos por uma estreita via,  
Depois n'um mar de fogo penetramos,  
Té que no Inferno juntos arribamos.



Pondo no Inferno os pés, some-se o espectro,  
E milhoens de Diabos me apparecem ;  
Vejo-me n'um salão horrído e tetro,  
E centenas de portas o guarnecem.  
Gravado em cada porta em frente, e retro  
Os nomes das Naçoens, que se conhecem.  
Nada intendia, do qu'eu hia vendo,  
Mas um Diabo assim me foi dizendo :

Tudo no Inferno está bem repartido,  
Cada Nação tem seus representantes;  
O que ha na terra, aqui logo he sabido,  
Casos sérios, jocosos, ou galantes;  
Co'a terra Inferno he muito parecido,  
Sabios temos aqui, temos pedantes;  
E o caso que por la está pendente  
Aqui se reproduz exactamente.



Tudo se reproduz, e por tal arte  
Que do facto um so ponto não se aberra,  
De modo que não sei bem explicar-te  
S'he o Inferno que imita, ou s'he a terra  
Se do qu'eu digo queres confirmar-te,  
Vai, vai ver o que alli dentro s'encerra.  
Esta porta tu vês? lê o letreiro.  
Entra, e verás o Imperio Brasileiro.

Olhei , e mão de ferro me empurrava ,  
Meus cabellos espinhos parecião ,  
E a cada passo , que hesitando dava ,  
Ossos , nervos, e carnes me tremião.  
Entrei ; o horror o sangue me gelava ;  
Sombras por toda parte se carpião ;  
Convulso quiz sahir , e nisto cáhio ;  
O que vejo , ao surgir do meu desmaio ?

O que vejo , oh meu Deos !...

*Continúa a narração do que vio o viajante  
no Inferno. Representação da Infernal  
Comedia ; até chegar ao Entr'acto.*









## EPISÓDIO

# DA INFERNAL COMEDIA.

Parlerò di materia affatto ignota,  
Da cui forse trarrem qualche proffito.

*Gli animali parlanti, ( CASTI. )*



## ENTR'ACTO.

Desce o panno talar, onde pintadas  
Por arte diabolica se vião  
Do Brasil varias scenas engraçadas,  
Tão burlescas, que ao vel-as todos rião.  
Na plateia infernal as gargalhadas  
Como sons de matracas estrugião :  
Entr' acto... Entr' acto... vozes apregôão,  
E todos por Entr' actos se abalrôão.

Pequeninos demonios, que voavão,  
Pelo ar os jornaes hião jogando,  
Braços por toda a parte se elevavão,  
Em confusão as folhas apanhando.  
Quaes nas costas dos bancos se atrepavão,  
Quaes baqueavão, quaes hião saltando,  
Quaes em fim dos jornaes 'stando munidos,  
Co' a leitura quebravão-me os ouvidos.



Um ás mãos me chegou por derradeiro,  
Abro a folha, fiquei estupefacto,  
VIDA D' UM DIPLOMATA BRASILEIRO,  
ACOMPANHADA DO FIEL RETRATO.  
Era a pintura do seu corpo inteiro,  
E a seus pés repousava um foço gato.  
Nunca vi um retrato mais perfeito,  
Parecia que alli via o sujeito.

Redonda era a cabeça, e parecia  
Um cabaço, tão lisa, e chata a testa,  
Que uma só bossa nella não se via,  
Antes com depreçoens como a da besta.  
E segundo a de Gall phrenologia,  
Direi que fronte tal somente attesta  
A mor estupidez, completa ausencia  
Dos mais sublimes dons da intelligencia.



Negros cabellos duros, erriçados  
Davão geito á cabeça de vassoura;  
Cara comprida, os lados rechupados,  
Grossa e rugosa pelle, e de cor moura;  
Co' os negros supercilios encurvados  
Representava a cara uma tesoura;  
Tinha os olhos vermelhos como um mono,  
Ou como um ebrio, erguendo-se do somno.

Que satânicos olhos ! Olhar baxo ,  
Olhos , onde a perfidia se acoutava !  
Grande a bocca, e aberta como um taxo,  
E cheiro d' ammoníaco exhalava.  
Dentes sujos ; o beijo era tão laxo ,  
Como uma lesma, e o queixo lhe roçava ;  
Emfim era tão feio , e tão beijudo ,  
Que ante elle fora bello um botecudo .



De monstro era o seu corpo, e sua especie  
Se ja he conhecida , he muito rara,  
Porquanto nos Museos se não conhece,  
Nem em Buffon descripta se depara  
A' nada, que eu conheço , se parece ,  
Se o visse Cuvier, classificaria  
Este bixo uma enorme scolopandra ,  
Um sapo colossal, ou Salamandra.

Nenhuma cathedra! barbara ou gothica,  
Tão cheia de desenhos estrambolicos,  
Possue uma figura mais exotica,  
Em seus baixos-relevos diabolicos.  
A musa mais satyrica, e despotica,  
Pode crear mil seres hyperbolicos,  
Mas nunca creará um tão asnatico,  
Tão esturdio, tão besta e antipathico.



Nos papyros do Egypto, e velhos maços.  
Talvez que hieroglificos se achassem,  
Ou de alguns animaes ligeiros traços  
Que com elle melhor se comparassem.  
Era bipede, posto que seus braços  
Co' as pernas comprimento desputassem,  
De geito que quadrúpede o julgara,  
Se o vestuario humano o não ornara.

Eu inclino-me a crer que desde a infancia  
Elle nos quatros pés sempre apoiou-se,  
E se agora anda em dous he por chibancia,  
Porem mostra que não exercitou-se.  
Querer andar em dous he petulancia !  
Mas o pobre coitado allucinou-se,  
Que tanto o fez quadrúpede a natura,  
Que em pé, ficou quadriúpede de altrua.



Quem um macaco vio mal amanhado,  
De casaca, chapéo, calças vestido,  
Pelas ruas andando atrapalhado  
Em dous pés, p'ra diante recahido;  
Ou quem vio um socó todo molhado,  
Ou um frango sem pennas encolhiço,  
Esse sim, asseguro-lhe eu que creia  
Que mais ou menos tem d'elle uma ideia.

Eu ca se fosse Rei de minha côrte  
O fizera sahir em breve termo,  
Vendo um insulto vivo, e muito forte  
N'esse antidiplomatico estafermo :  
E tambem que essa cara de má morte  
Não fizesse cahir meu povo infermo,  
E que as gravidas Damas, que o avistassem,  
Co' o fetido, e de horror não abortassem.



A seus pés repousava um ruço gato,  
Aquem so dedicava seus desvelos ;  
P'r' os dous um leito só; um mesmo prato,  
De' perfeita amizade erão modelos :  
O pensamento d'um, d'outro era exacto,  
Fazião gosto assim unidos vel-os ;  
Tão grande era a afeição, e a sympathia  
Que em dous corpos uma alma parecia !

Se he certo um pensamento, que me veio;  
Alli ha entre os dous metamorphose;  
Ou, segundo Pithágoras, eu creio  
Que ambos soffrêrão já metempsychose;<sup>1</sup>  
Claro se explica assim por este meio  
Dos dous a singular anastomose;  
E se acaso morrer antes do gato .  
Transmigrará sua alma p'ra algum rato.



Via-se em grandes typos , a seu lado ,  
Como um prodigio d'arte , ou cousa rara ,  
Seus titulos n'um quadro bem dourado ,  
Obra , qu' elle na Italia encommendára :  
O calligrapho artista sublimado  
Uum *Dom*, uma *Excellencia* lhe encachára,  
Afim qu' elle co' os Nobres se pareça ,  
E por Fidalgo o Mundo o reconheça.



Foi lembrança feliz ! que deste geito  
Somente mostrar pode qu' elle he gente ;  
E melhor fora que trouxesse ao peito  
O quadro como um Habito pendente :  
Que em pasmo ja ficou certo sujeito  
Por vel-o n'um logar tão eminente :  
Inda é pouco , disse eu ao tal esturro ,  
Pra quem foi no trabalho sempre um burro



Por armas tinha alli no seu sinete  
Um escudo com *lis*, serpes sem rabo,  
E *spes in Deo* sobre o capacete,  
Elle , que tudo espera do diabo !  
Trouxesse antes por armas um malhete  
Uma Lima , ou de folles algum cabo :  
Sendo as armas da casa dos *Touminhos*  
*Massaricos* , buris , folles , cadinhos .

A vista de um retrato tão horrendo  
C'o o riso ja suster-me não podia,  
E com dores porfim 'stava gemendo,  
Cuidei alli morrer; tanto eu me ria!  
Eis que um vulto, que a vida estava lendo,  
E a quem eu c'o o meu riso interrompia,  
Assim me diz, batendo-me no ombro :  
Isto te causa riso , e a mim assombro !



Assombro ! então por que? eu lhe demando,  
Isto não he senão caricatura ;  
E posto que mortal , no inferno estando,  
Cuidei não merecer esta censura :  
Não , me diz elle , não ; que tão nefando  
Monstro, qual n'elle vês, mancha a natura  
Seu retrato nao he exagerado,  
S'he horrendo, he mil vezes mais malvado

Ouvindo estas sentenças fiquei serio ,  
Como de me ter rido com vergonha.  
Que ! até de Satan no escuro imperio  
Haver quem de moral regras imponha !  
Pareceo-me ironia ou improperio ;  
E assim lhe repliquei com voz medonha :  
Ninguem para si olha , diz o apódo ;  
Censuras-me , e tu fallas deste modo ?



Ora ja que por ti fiquei cisudo ,  
E mostras conhecer este sujeito ,  
Stou disposto a te ouvir , dize-me tudo ,  
Sem nada me occultar a seu respeito ;  
Que para mim não ha melhor estudo  
Qu' os arcanos que occulta o humano peito ,  
Que na vida mil vezes nos perdemos ,  
Por que os homens assaz não conhecemos.

« He certo , elle me volta , e do que dizes  
O exemplo vês em mim por meus peccados  
No mundo sempre os bons são infelizes ,  
Por muito se fiarem nos malvados.  
Sobre a terra talvez como inda pizes ,  
Conselhos quero dar-te exp'rimentados:  
Vale mais , que mil regras , um modelo ;  
Neste tens um ; procura conhecê-lo.



« Não te direi meu nome , que não quero  
Que a terra saiba qu' eu no Inferno existo,  
Tenho por lá parentes , que venero ,  
Não podendo al fazer , poupo-lhes isto:  
De tua discrição firme eu espero  
Que não propagarás que aqui fui visto:  
Com esta condição , e por tal preço ,  
Anarrar-te o que sei ora começo.

Se a vista so de tal cara de estanho  
D'elle logo fizeste máo conceito,  
Seu nome não te deve ser extranho  
Por tantas cousas más qu' elle tem feito :  
Não ; que o num'ro dos máos é ja tamanho  
Que não se nota mais um máo sujeito ;  
Como elle so p' ra o Inferno tem vivido ,  
So por algum *diabo* he conhecido.



« Ah pouco se perdêra em não sabel-o ,  
Mas tem de eterno ser , por mor desgraça ;  
Como um nome infamante ind' hão de vel-o  
Dar-se para insultar , em plena praça.  
De sua vida o pessimo novello  
Cada volta que dá , um vicio enlaça ;  
Desde pequeno claro dêo o indicio  
Que n' elle um firme apoio tinha o vicio.

« Depois de muito vadiar na escola,  
N' Académia inscreveo-se da Marinha ,  
Em São Bento gastou inutil sola ,  
Ahi annos inuteis hia, e vinha ;  
Era seu mor prazer jogar a bola ;  
D' Euclides nunca soube uma so linha ;  
Vendê que p' ra as sciencias não nascora,  
D' Archimedes deixou a classe austera.



« Era grande amator de meza e vinho ;  
O vinho era seu unico conforto ;  
Matava demanhã o seu *bichinho* ,  
*Fazia as onzes co' o micante porto.*  
D' hora em hora tomava um *martelliniho* ,  
Não fallo do jantar !... e semimorto ,  
A metade do tempo assim passava,  
Té que para beber resuscitava.

« De bebado não quero dar-lhe o nome,  
Que p'ra o caso nao he nome expressivo;  
Era um amor de vinho, amor de rome,  
Alcolica paixão, gosto excessivo;  
Comia p'ra beber, não por ter fome;  
Amor, que o convertia em *odre vivo*,  
Amor tão bebedor, tão permanente;  
Que de tanto beber ficou demente.



« Ora amor tal ou dá na hydropisia,  
Ou dá na consumpção, ou no marásmo,  
Aqui porem em rolha o convertia!  
Passar de pipa á rolha causa pasmo!  
Um amigo, que assim perdido o via,  
Para curar-lhe aquelle enthusiasmo,  
O prendeo; mas tão grande amor da pipa  
Acalma-se, porem não se dissipa.

« Mas se este vicio lhe era perdoavel ,  
Por dar-lhe de uma adéga certo aroma ,  
Outro o tornava a todos execravel ,  
Por de continuo recordar Sodoma.  
Era um vicio infernal , abominavel ,  
Que dizem ter ainda imperio em Roma ,  
Vicio , que traz com sigo o idiotismo ,  
Dores , caria no dorso , e o rachitismo.



« No Brasil , como sabes , qualquer zote  
Um formado doutor se conceitua ;  
Quem p'r'a trolha nasceo , ou p'r'o rabote  
Nao creias que consulte a sorte sua ;  
Toda a baixa gentalha deste lote  
Em politica ao menos se insinua.  
O vadio , o pedante , o mentecapto  
P'ra os publicos empregos julga-se apto.



« Não hé com ma tenção qu'isto te digo,  
Mas sim por qu'*ad reum* o caso o pede,  
Tu mesmo terás disto la com tigo  
Que o pedantismo no Brasil tem séde :  
Quem tem um Governante por amigo  
Alcança tudo que deseja, e pede,  
Não se gradua o merito e a virtude,  
P'ra escravo, e adulator basta que estude..



Ha muito qu' este mal nos assolapa  
E tem feito o Brasil andar a toa ;  
Toma um alvar de patriota a capa,  
E defensor da Patria se apregôa.  
Dos patriotas he tão grande o mapa  
Quando o dos asnos, qu'ella galordôa ;  
Quem talentos não tem, nem tem officio  
Um emprego requer em sacrificio.

« Era o tempo da nossa Independencia  
Em que certa Familia dominava ,  
E , como hoje se faz , por influencia  
D'algum patrono , tudo se alcançava .  
Do nosso Heroe não foi baldada a agencia ,  
E como patriota se enculcava ,  
Alegando ser *Joven Fluminense* ,  
Pôde um logar obter de Amanuense .



« Ao lado do Ministro , sabio velho ,  
Do que lhe este dictava era um copista ,  
Com ar servil dobrava-lhe o joelho ,  
Se lhe fallava , e nem lhe punha a vista ;  
Por fora se enculcava do conselho  
Do Ministro , e um famoso publicista ,  
E , ares tomando logo infactuados ,  
Dizia ser author de mil Tratados .

« Mas coitado ! uma ideia o affligia ,  
Era o seu máo estado monetario ;  
Nada tinha de seu ; e elle bem via  
Que tudo no Brasil era precario.  
Seu logar d' um Ministro dependia ;  
Sendo tudo interino e arbitrario ,  
Tudo cabír podia n' um instante ,  
Quanto mais elle , misero pedante !



« E assim elle exclamava : oh dura sorte !  
Por que modo te posso eu abrandar-te ?  
E tu , Satan , por mais que te eu exhorte  
Inflexivel , tambem queres mostrar-te ?  
Eu heide trabalhar até a morte ,  
Procurarei maneiras , geito e arte ,  
Tenho emfim decidido , e sem receio ,  
Heide ser rico , pouco importa o meio .

Heide ser rico, ou leve-me a carepa,  
Por homem necessario hão de enculcar-me,  
Tudo está em saber como se atrepa,  
E eu sei como a serpente menear-me.  
Quem a tudo se amolda, não discrepa;  
Para ser cortesão devo arrastar-me...  
E o dinhe'ro? oh dinhe'ro, meu tormento!  
Mas oh! eilo! que ideia! um casamento!



Um casamento! que feliz achado!  
Seja embora a mulher feia ou bonita,  
Posto qu' eu aborressa tal estado  
Neste caso o dinheito he que me excita.  
O dote creio ja ver a meu lado,  
No peito uma commenda, e uma fita;  
Todo de farda verde auri-bordada,  
Um armado chapêo, e rica espada!

• Que bello ! Nada então me faltaria !  
Ja um dá qui me diz com reverencia :  
Servo humilde de vossa senhoria ;  
D' alli outro me dá uma Excellencia !  
E eu so com ar mui grave , a voz mui fria,  
Com aspecto d' uma alta intelligencia ,  
O saúdo, e o chapêo toco de leve ,  
Eo pobre nem pra mim olhar se atreve.



« Assim mesmo eu não tenho má figura ,  
E creio que respeito assaz infundo !  
Ah s'eu tivesse um palmo mais de altura  
Outro igual não houvera em todo o mundo !  
Doç meus labios porem a espessura ,  
Todo este meu aspecto moribundo ,  
Esta cara de icterica ja verde ,  
Tudo isto he que me atrasa, e que me perde.

Mas que importa a figura? A natureza  
Com arte se corrige. — Bôa vida,  
He tudo o qu' eu desejo, e não belleza,  
Tenha eu cara co' um burro parecida.  
Dê-me ca bôa cama, e bôa mesa,  
E mais que tudo optima bebida;  
Dinheiro! que co'o mais não me atormento.  
Dinheiro! — Vou tratar do casamento.



Tanto fez, tanto fez que até casou-se.  
Desgraçada mulher! oh coitadinha!  
Mas prefiro occultar o que passou-se,  
Posto que muito que contar eu tinha.  
O como esse perverso comportou-se,  
Causa horror, e qualquer bem adevinha  
E s'eu do monstro occulto esses horrores  
He p' ra poupar á Espoa, e aos filhos dores.

Agora te direi como intrigando,  
Sacrificando a honra a o seu capricho,  
Sem pudor mil baixezas praticando,  
De logar em logar sóbe este lixo;  
Como as ordens se forão profanando  
Até ornar o peito deste bixo;  
Como um homem de bem se calumnia,  
P' ra dar-se-lhe o logar, qu' elle pedia.



Como já em Paris, pagar recusa  
Os damnos, que causára em uma casa,  
Como ao Francez Ministro o dono o accusa,  
E o Ministro com notas o arrasa<sup>1</sup>;  
Como do seu logar subido abusa,  
E so mentiras ao governo engraza<sup>2</sup>;  
E p' ra aos seus desatinos por um sello,  
Seu Amigo por fim chama a duello.<sup>3</sup>

Hia me elle contando lentamente  
Estes casos tão dignos de memoria,  
Quando em fim da plateia a infernal gente  
Grita : que longo entr'acto! longa historia!  
P'ra fora a companhia, e represente  
O duello, ou qualquer acção notoria;  
Faça-se uma comedia d' este facto,  
Queremos no tablado o Heroe, e o gato.



No theatro tudo he democracia,  
O poder soberanno he a plateia;  
Ninguem iguala ao povo em tyrannia,  
Nem soffre opposição á sua ideia.  
Tão grande era a algararra, e a vozeria  
D' esta insolente, estúpida assembleia,  
Que um apíto soou, tudo se cala;  
Sobe o panno, e um diabo assim nos falla:



« Respeitavel, dignissimo auditorio,  
O que vós ordenais será cumprido;  
Vereis um drama tragico-irrisorio,  
Como os mais que o Brasil tem fornecido :  
Do proprio Diplomata, no escritorio  
Em Paris foi o caso acontecido ;  
Elle virá p' ra scena em osso e pelle,  
Que um diabo no mundo anda por elle.



Disse ; e foi applaudido. Eis senão quando  
A scena representa um gabinete ;  
E a maneira de quem está pensando,  
Um mono, recostado n' um bofete ;  
Depois cartas aos centos separando,  
Vai pondo em cada qual o seu sinete ;  
Abre a boca, e um fetido se exhala,  
Mia o gato a seus pés, e elle assim falla.





## **QUADRO PRIMEIRO.**



### **SCENA PRIMEIRA.**

*O diplomata passando a mão sobre a cabeça do gato, que lhe abana os beiços com o rabo.*

#### **O DIPLOMATA.**

**Mi-ao... mi-ao... coitado do gatinho!  
Como me estima! He meu unico amigo,  
Que talento tem elle!... e que juiso!  
Como beija meus pés, como me afaga**

Quando quer qu'eu lhe dê algum bocado!  
Como elle me adivinha! Oh que de certo  
Tem uma alma este gato como eu tenho.

O GATO.

Mi-ao, mi-ao, mi-ao; fun, fun, mi-a-um.

O DIPLOMATA.

Ja me vas attentando ; — passa , — passa ;  
Tenho hoje que fazer, e não he pouco.  
Seis e seis doze, e doze vinte e quatro !..  
Ja vinte e quatro cartas tenho escripto ,  
E tenho ainda que escrever o dôbro !  
Fóra co' a mecha ! — Mas tudo he preciso  
P'ra que de mim se lembre aquella corja.  
Faz muito uma cartinha ! — O que me vale  
É qu' eu com quatro asneiras encho folha..  
Muita parola, muita cortezia ,  
Um folheto, que off'reço, e a Nação paga,

Vou passando por sabio, e patriota;  
E a final tanto caso eu faço d'elles  
Como faço da Patria; he tudo asneira!  
A Patria neste tempo he so dinheiro.  
O certo he qu' eu alcanço o que desejo,  
E aqui stou empregado; ora me finjo  
Doente, p'ra me dar mais importancia;  
Ora que estou cançado do serviço,  
Que quero retirar-me desta lida;  
E p'ra pôr no negocio a mão de mestre,  
Um presente de livros ao Ministro,  
Livros qu' elle não lê, e tudo venço;  
E outros mais habeis forão demitidos,  
E a outros o ordenado reduzirão.  
Isto sim he, qu' he ter diplomacia!  
Dizem que Tallyrand he Diplomata,  
Que tem grande talento, qu' he mui fino;  
He grande admiração voar uma aguia!  
Um homem de saber, que em sua infancia

Cançou-se em estudar ! mas eu que nunca  
Consumi os meus olhos sobre um livro ?  
E sou Ministro ! isto he qu' he ter talento !  
Voar um burro causa mais espanto ,  
Que um passaro , que já nasceo com azas !  
Mas tantos demissoens, tantas reformas  
No corpo Diplomatico me assustão.  
Tantos pedaços d' asnos que se empastão,  
Estrangeiros Ministros nos Negocios,  
Assentão qu' isto he pia d'agua benta,  
Onde vem baptisar seus afilhados.  
Mas eu ca nada temo , estou dormindo ;  
La tenho o *sargentão* de espada preta ,  
Esse propositor de bancas rotas ,  
Que apesar de não ser diabo coxo,  
Viajou pela Europa , no bom tempo .  
Em que se tinha casa e carruagem  
Com seiscentos mil-reis por todo o anno,  
E trava-se o homem como um Lord !

Oh feliz tempo ! oh tempo dos *sargentos* !  
Commigo elle não bolle , he meu amigo ,  
E me tem por um *Foy* na sapiencia ,  
Posto qu'eu sou lhe igual na *sargentisse*.  
Do lado da moral não digo nada ;  
Mas no Brasil moral he grande asneira ,  
E sem Moral se pode até ser bispo.

*Depois de um momento de reflexão.*

Mas este secretario não he tolo ;...  
Não me convem aqui. — Elle bem sabe  
Das mentiras qu' eu prego ao meu governo.  
He menino que estuda , tenho medo.  
Devo com elle obrar com muita manha ;  
Hei-de fingir-me seu maior amigo ,  
Fazer-lhe bôa cara por diante ,  
E por traz todo o mal que for possivel.  
Se elle vai descobrir os meus segredos !  
E as vergonhas por que tenhe passado !

De certo estou perdido. — Estou em crise!  
E o tal meu poetinha!.. Esse menino  
Não tem papas na lingua, he um corisco,  
Que he mais facil morer do que curvar-se;  
E me causa terror! — Que diabrura!  
Ora vamos que dê-lhe na cabeça  
De escrever uma Satyra! Que cousa!  
Ja 'stou ardendo so com esta ideia!  
Mas que venha o menino! eu tenho cartas,  
Que me dizem que eu posso suspendel-o.  
Pois bem, eu quero ver qual de nós vence!  
O tal meu poetinha, e o secretario,  
Não sequerem curvar! que coitadinhos!  
Inda a força da intriga não conhecem!  
Cuidão que no Brasil vale o talento,  
Ou virtude, ou razão! vejão que esturdios!  
Eu não posso soffrer homens que estudão.  
Hei-de vingarme : dê-me em baldas certas,  
Qu'eu saberei curval-o; — sou Ministro,



E um Ministro merece a confiança ,  
Mais do que um addido , do governo ,  
Que como por seu lado tambem pecca ,  
Pelo lado mais fraco sempre corta.  
Tudo está contra mim , té meus creados ;  
Todos me chamão doudo ; todos dizem  
Que nada me contenta ; e como posso  
Contentar-me com pouco ? ser Ministro ,  
Ter so duas commendas ! eu que tenho  
Tanto serviço feito a bem do Estado ?  
O primeiro , o mais habil Diplomata ,  
De quem disse um jornal , que abria escola ,  
Na distincta carreira Diplomatica !  
Um homem para tudo ! Estes creados  
Quando commigo fallão nao se prostrão !  
Não me chamão seu mestre estes addidos !  
Heide pôl-os p'ra fora ; arre cambada !  
Heide mostrar que sou *Lixo Touminho* ;

**SCENA SEGUNDA.**

*Toca a campainha, e apparece um creado*

c

**O CREADO**

Vossa Excellencia ordena alguma cousa ?

**DIPLOMATA.**

O dinheiro do troco do bilhete,  
Que hontem te dei ?

**CREADO.**

Senhor, eil-o na mesa.

**DIPLOMATA.**

Aqui somente estão quinhentos francos ;  
E eu te dei um bilhete de mil francos.

**CREADO.**

**Perdoe vossa Excellencia , que se engana.  
Era um bilhete de quinhentos...**

**DIPLOMATA.**

**Mentes.**

**Queres roubar-me? que ladrão ! velhaco !**

**CREADO.**

**Nunca roubei , senhor , nem um centimo.**

**DIPLOMATA.**

**És ladrao, és um vil; stas despedido.**

**CREADO.**

**Se me quer despedir busque outro meio ,  
Mas não me calumnie deste modo ;**

Senão hade pagar tão grande infamia.  
Posto que pobre, e em posição de servo  
Tenho talvez mais honra...

DIPLOMATA, *com medo.*

Está bem, vai-te.

(*Sáhe o creado, dizendo :*)

Que doudo! como pode ser Ministro?

### SCENA TERCEIRA.

*Batem na porta; entra um amigo.*

O AMIGO.

Bons dias; 'stas melhor!

O DIPLOMATA.

Ja tu comesas?

Dizer que estou melhor ! vens insultar-me?  
Ninguem tem compaixão do meu estado !

O AMIGO.

Pois por qu' eu te pergunto como passas ,  
Tu dizes que te insulto ? estás tu doudo ?

O DIPLOMATA.

Doudo me chamas ? que insolente ! ingrato !  
Vens pago p' ra moer-me, e de mãos dadas  
Até co' os meus creados, que me roubão ?

O AMIGO.

Eu tudo te desculpo. Homem , reflecte ;  
Vê que papel estás representando !  
Todo o mundo te odeia, e te detesta  
Pela tua vaidade, e más maneiras.  
Tu queres qu' inda um dia te machuquem ?  
He um clamor geral ; a nada attendes ?

O DIPLOMATA.

Tenho assaz attendido : heide varar-te  
Co' uma espada esses olhos sem vergonha.  
Vens attentar-me quando estou roubado?

O AMIGO.

Quem te roubou? eu nada sei.

O DIPLOMATA.

Quinhentos.

Quinhentos francos hoje me roubárão.  
O creado, o creado, que de troco  
De mil francos, so trouxe-me a metade.

O AMIGO.

Doudo estás, não ha duvida ! Pois homem,  
Não te lembrás que deste-lhe um bilhete  
So de quinhentos francos? Que não tinhas

Outro bilhete mais senão aquelle?  
Que fui eu que te o dei? Pensa, reflecte.  
Eu mesmo hirei fallar co' esse creado;  
Sobre mim tomarei esse negocio,  
Dizendo-lhe qu' eu sou do engano a causa.

O DIPLOMATA.

Doudo serei, assim vocês o querem.  
Pois bem, faze por la o que quizeres.  
Como um odre suei toda esta noite,  
Alaguei os colxoens, e os cobertores...  
Mas tu te ris? tu sombas quando eu soffro?  
Nem mesmo o meu amigo me acredita?  
Eu soffro, e todos dizem qu' isto he manha?  
E se me queixo clamam que estou doudo?  
Vai-te, malvado amigo, não me excites;  
Vai-te, trahidor; não sei o que me empede  
De atirar-te na cara este tinteiro.

O AMIGO.

Não posso mais soffrer-te; adeos; eu parto,  
E os pés não porei mais em tua casa.

*(Sáhe o amigo.)*

### SCENA QUARTA.

O DIPLOMATA.

He um pobre coitado que me estima...  
Mas não posso soffrer que todos digão  
Qu'he um homem de bem; que seja embora.  
Parece que me querem fazer sombra...  
Heide humilhal-o por qualquer maneira.  
Vou ja desafial-o a um doello.  
Mas se acceita? De certo que me mata!  
Não, não acceita; estou bem certo disso;  
Elle he homem moral, homem cisudo;



Uedostaes qu' inda crem em Jesus Christo,  
Em Deos, no inferno, e n' outras babuseiras.  
Mão á carta, ao doello ! oh que lembrança!  
Vou passar por valente ! elle por fraco <sup>3</sup> !  
(*Escreve uma carta de desafio, chama o  
creado, e a entrega.*)

Leva esta carta, vai rapidamente.

(*Retira-se.*)

### SCENA QUINTA.

*Os creados, arranjando a camara.*

UM CREADO.

E que tal o sujeito ? Como he crível  
Que Ministro o fizessem !  
Não faz senão gritar de dia e noite ;  
E se alguém entra, como um mel se torna.

De modo que parece um cordeirinho ;  
Se o homem sahe, começa a gritaria.  
Eu creio qu' elle he doudo.

OUTRO CREADO.

Não sei o qu'elle escreve ! cartas, cartas ;  
Nunca o vi escrever um papel grande ,  
Como aquelles que vem do secretario ,  
E qu' elle so em baixo põe seu nome.  
Dizem qu' elle fazia o mesmo em Roma <sup>4</sup>.

OUTRO CREADO.

Escreva o que quizer ; o que me zanga  
He a sua maldade.  
Dizer qu' eu lhe roubei quinhentos francos.  
Por isso a cosinheira  
Delle ao juiz de paz ja foi queixar-se <sup>5</sup> ,

Apresentando a conta das despesas,  
Qu' elle não quiz pagar, oh se não fosse  
Ser Ministro estrangeiro  
Havia de hir p'ra santa Pelagía.

O PRIMEIRO CREADO.

E o homem das cortinas?  
Que depois de ajustal-as por um preço,  
Pagou so a metade,  
Por que o tal meu senhor he diplomata!

*Todos cántão.*

Fora, fora co' este doudo!  
Que Nação que o nomeou!  
Que gente será aquella  
Que p'ra ca isto mandou!

Para dar-se-lhe este emprego ,  
Emprego tão elevado ,  
Tirou-se daqui um homem.  
Por todo o mundo estimado.





## **SEGUNDO QUADRO.**



### **SCENA PRIMEIRA.**

*O Diplomata entrando, toca a campainha, e  
e no mesmo instante apparece um Creado.*

**Ha uma hora que toco a campainha !  
Ninguem responde ; que maldita gente !  
So eu sirvo à Nacção ha tantos annos**

Como ninguém servio , ligeiro e activo.  
'Stou cançado, quebrado com meus nervos.  
Ouço tanto fallar do Magnetismo ,  
Que estou quasi tomando ; porêm como?  
Eu não quero fallar nisso aos doutores:  
Isso deve vender-se nas boticas <sup>6</sup> ;  
Posso mandar comprar por um creado.  
Toma , vai-me comprar n'uma botica  
Magnetismo animal ; leva este vidro.

O CREADO.

Isso não he remedio de botica !  
Não he agua , nem pó, so outro homem  
Pode magnetisar vossa Excellencia ,  
Passando as mãos mil vezes pela cara ;  
Desta maneira , assim , até que durma.

O DIPLOMATA.

Tu me insultas , cachorro ? que atrevido !

Passar as mãos na cara d'um Ministro!  
Insultar a Nação, qu'eu represento!

O CREADO.

Não tenha medo, que não são supapos;  
Passa-se a mão de leve, até que o fluido  
Magnetico-animal se estabeleça.

O DIPLOMATA.

Tu és o animal, (este patife  
Sta-me aqui empulhando co' os eu fluido.  
Vio qu'eu não stava ao facto destas cousas,  
Quer commigo sombar!) emfim não quero  
Tomar o magnetismo; vai-te embora.

*(Sáhe o Creado.)*

**SCENA SEGUNDA.**

Tomára a decisão da minha carta.  
Agora he qu'eu reflecto , forte asneira !  
Que dirá o Governo ? Que comedia !  
Eu feito espadanxim ! Que quichotada !

**SCENA TERCEIRA.**

*Entra o amigo precipitadamente ; o diplo-  
mata recúa gritando.*  
Não me mates ; perdão ; estou tremendo.

**O AMIGO.**

Não venho p'ra matar-te ; eu não me bato  
Com aquelle a quem dei de amigo o nome,  
Co' o meu Ministro emfim ,



O DIPLOMATA, *cobrando animo.*

És um cobarde.

O meu, ou o teu sangue correr deve.:

O AMIGO.

Se tens sêde de sangue, se o meu queres,  
Eu te aconselho, perfido, que pagues  
A um desses que vivem de duellos,  
Que me venha afrontar em plena praça,  
Ou tu mesmo, se queres, toma a espada,  
E fere-me no peito! — Quem to impede?  
Eu aqui stou sem armas, não resisto.

O DIPLOMATA.

Tu me insultaste...

O AMIGO.

— Cala-te, não mintas

De ti tenho piedade, qu'és um doudo.  
P'ra mostrar-te quem sou, aqui te deixo  
Essa carta redicula, infamante.  
Tu és da ingratidão um feio monstro;  
Máo pai, máo cidadão, e máo esposo;  
Nada mais digo; adeos; fui teu amigo.

### SCENA QUARTA.

O DIPLOMATA, *em furor.*

Oh que ataque de nervos, furioso!  
Dia de horror! Que vejo? A luz me foge!  
Anda-me a casa a roda. O chão se abate!  
Tudo me amaldiçoa... As minhas botas  
Ponta pés me estão dando! Que fantasma  
Alli se occulta atrás do meu cabide,  
De espada, e de chapeo? He minha farda.  
O gato mia;... eu te esconjuro, oh gato.

Tudo me causa horror; de tudo tremo.  
Cuido ver um cadaver no meu leito!...  
Vai-te, não te conheço. Oh que supapo  
Me atirou pelas ventas... Sangue corre.  
Que voz terrivel ! Perfido , me grita ;  
O céo castiga o crime, e o mesmo inferno  
Não pode defender tão feio monstro.  
Teu nome ficará p'ra eterna infamia  
De quantos, como tu, forem molvados.  
Que escutei ? oh Satan, a ti me entrego.  
Malditos sejam meus amigos todos.  
Eu desfaleço , e com remorsos morro ?.







## EPILOGO.



Acabou o entremez. E um alarido  
Na plateia soou : bravo, excellente!  
O sujeito foi bem desenvolvido !  
Tudo he muito real, e assaz decente.  
Tem o actor talento desmedido ;  
Melhor qu'elle não ha quem represente.  
Claro vê-se qu'elle he Representante,  
Pelo dedo conhece-se o gigante.

Tudo eu via, e cuidava que sonhava ;  
Um delirio, ou visão me parecia ;  
E mil vezes os olhos esfregava ,  
Para ver se este quadro me fugia.  
Eis qu'um demónio, que a meu lado estava ,  
Com palmadas os ares estrugia :  
Mote, mote ; e responde um sugueitinho :  
— *Eis o vero retrato do Touminho.*

*SONETO com consoantes forçados.*

*Glosa.*

Tudo de que se queixa he pura *manha* ,  
Co' os creados está sempre *raivoso* ,  
Ante quem pode mostra-se *choroso* ,  
E tudo qu'he sciencia ignora , *estranha*.

Na sua profissão he uma *aranha* ,  
Falla tão bem Francez como um cão *gozo*,  
Em publico se finge assaz *piedoso* ,  
Babuja quando falla , he surdo , e *fanha* ;

Vive na mais completa *ociosidade* ,  
He um tolo, um basbaque, um *coitadinho* ,  
Immoral , corruptor da *mocidade* ;

Foi completo amador de mesa e *vinho*;  
A tudo sacrifica honra, *amizade*;  
— *Eis o vero retrato do Touminho.*



Bravo , bravo , bellissimo soneto !  
Quiz tomar a palavra outro poeta ;  
Hia assim começando o seu quartelo :  
*Desce, Apollo, do pindo, e o canto enceta.*

Eis que d'alli responde-lhe um faceto :  
Que mal te fez o Apollo , meu pateta ?  
Atráção-se ; o negocio hia soando ,  
Quando surge um diabo vozeando.



Arre , fora , gritou , nem o diabo  
Pode ser diplomata Brasileiro !  
N'outra não cáhio ! Hir la metter meu rabo  
P'ra ser tratado como um vil cocheiro !  
Minha missão agora mesmo acabo  
Onde , como sabeis , pelo brejeiro  
Que aqui representou , fui interino ,  
E se de la não sáhio , perco o tino.



Tanto que la cheguei primeiramente  
Os livros todos li , que achei no armario ,



Que officios ! que Francez ! oh que torrente  
De asneiras, como contas d'um rosario.  
Alguns achei de estyso alto e corrente,  
Obra, como bem vi, do secretario;  
E os que da Côrte vão pelo paquete !!!  
Que... Mas segredos são de gabinete.



Não ; não digo. Passemos adiante.  
Cada vez qu' um aviso recebia,  
Era sempre n'um tom ameaçante,  
Como se fosse feito na Turquia.  
Por la o Ministerio he ambulante,  
E de mal o peor, um cada dia;  
E quanto aos meus collegas interinos,  
Esse são *Diplomatas peregrinos* 8.



Tanto qu' eu la cheguei , foi meu intento  
O meu antecessor fingir em tudo :  
Afigura tomei-lhe , o ar de jumento ,  
E p' ra não bostejar , ficava mudo.  
Li n' um jornal um d'ca, oh que tormento !  
Que o Rei dava audiencia; ao paço acudo,  
Pensei que havia circ' lo Diplomatico ,  
Achei-me entre sargentos, besta e estatico.



Fui ao paço outra vez, isto he um facto,  
Era dia de gala, e nesse dia  
Fallava o Rei a todos muito exacto  
Um a um , e a familia após seguia.  
Depois que me deixou , eu todo abstracto  
So no meio do circulo me via ;  
O Principe ante mim stava parado ,  
E eu sem nada dizer embasbacado.

Inteiramente abstracto alli me achava ,  
Tal como um burro quando está pensando,  
Não sei que asneira a mente me occupava;  
Té que o Principe as costas me foi dando,  
Não sei quem pela farda me puxava ,  
Então do meu lethargo eu acordando,  
Um couce dei p'ra trás; hia cahindo ,  
Todo o mundo de mim se estava rindò 1º.



Que vergonha ! Mas eu não sou culpado ;  
P'ra tudo um certo estudo se carece ;  
Eu não fui p'ra taes cousas educado ;  
Mandárão-me; eis aqui o que acontece.  
A culpa hé so do chefe deste Estado,  
Que dá empregos a quem não merece.  
Outras verdades hia declarando,  
Eis que o chefe co'a táboa lhe foi dando.

Todo o mundo applaudiu estas verdades,  
Que até existe opposição no Inferno!  
Todos estimão suas liberdades,  
De que he sempre inimigo o máo governo.  
Se na terra nós vemos crueldades,  
Que muito he qu' eu as visse la no Averno?  
Era um clamor geral; com muita pena  
*A Comedia Infernal* veio p' ra scena.

FIM.

## NOTAS.

Posto que em poesia se concede a invenção, como alguns casos desta obra parecerão exagerados, fazemos algumas notas sobre alguns pontos, que não fôrão assaz desenvolvidos nos versos, que nem tudo cabe em verso. Asseguramos que nada he de invenção nossa. Tudo he mui real e perfeitamente ássim como acontecêo.

NOTA 1, pag. 57.

E o Ministro com notas o arrasa.

Este caso foi um pouco serio, e des-honroso para quem tem vergonha. Morou o nosso homem em uma casa, que se pre-

parára para sua entrada; ao sahir, deixando alguns estragos, que emportavão em perto de 500 francos, o dono reclamou o pagamento; note-se que elle recebêra tudo por um inventario, e os estragos erão comprovados pelos peritos, recusou elle o pagamento, e como as cartas do dono do Hotel ficassem sem resposta, degio-se elle ao Ministro dos Negocios estrangeiros, então o Duque de B.....; este officia ao nosso homem, pedindo que satisfizesse a justa reclamação de Mr M... Pedio o nosso Diplomata uma audiencia, foi-lhe dada a hora, mas Duque talvez para evitar-lhe a desagradavel presença, não compareceo, nem lhe dêo por isso escusa alguma, o que em diplomacia já he um signal de pouco caso; e depois desanda-lhe com uma nota terrivel na qual dizia, que

M. M... era um homem honrado incapaz de pedir o que se lhe não devia, pelo que S. Ex. houvesse de pagar; neste embaraço não sabendo responder. pediu ao Sn<sup>or</sup> F. que lhe fizesse uma nota, que lhe lavasse da lama; e pagou; passando pela vergonha de passar por um.... Mas tudo isto recáhe sobre a pobre Nação, que emfim elle he seu digno Representante.

NOTA 2, pag. 57.

E so mentiras ao governo engraza.

Fora um numca acabar o memorar aqui quantas mentiras, e embustes teceo o anão burlesco da *diplomacia Brasileira* no interesse da conservação de um posto, á que só o elevárão as ignobeis intrigas, e miseraveis paixões, que tanto o quadro

obscurecem da epocha, em que vivemos. O respeito á certas considerações, o sentimento de uma discrição talvez escrupulosa pedem, que por agora sepultemos no silencio algumas mentiras importantes, mentiras pejudicas de graves consequências, caso houvessem sido attendidas pelo governo do Brasil, e que á nada menos tenderião do que á sêmear a discordia, e a sizania entre a França, e o Brasil. Os desejos de mudar a residencia de Paris pela de Roma, menos severa para certo. *desmancho de costumes*, improvisarão conferencias, e propositos, cuja não existencia poderemos comprovar da mais cabal maneira, se por ventura não quizessemos, outra vez o repetimos, observar a religião dos segredos. O tempo, que tudo revela, ea tudo faz justiça, se fará



tambem cargo da tarefa , diante da qual hoje recuamos. Mas mentiras existem , cuja divulgação he de natureza innocente, e impropria a arripiar as susceptibilidades quaes quer que sejam. Entre ellas uma escolheremos assás significativa.

O Presidente de Pernambuco dirige-se por um officio ao antecessor de nosso Diplomata , expriminho-lhe o desejo de ter uma conta circunstanciada do preço dos instrumentos necessarios para abrir poços artezianos , e bem assim das condições , por que se *engajarião* dous engenheiros , que viessem abril-os na Provincia. Representava então o Brasil em França um respeitavel Ancião , que pela bondade do seu character, o fervor de seu patriotismo, a justeza de suas ideias soube grangear a *honra de ser persiguido* pelas intrigas de al-

guns dos nossos saltimbancos politicos, inimigos jurados de todas as nobres reputações.

O Sn<sup>or</sup> J. J. da Rocha immediatamente remette-lhe a resulta dos ajustes , e negociações , que á quelle respeito contractara com M. Dégoussé. O Presidente, com muito lhe conviesse a cifra das despezas , à que a empresa orçava escreve ao nosso Diplomata ( que já no intervallo havia succedido ao honrado Sn<sup>or</sup> Rocha) pedindo-lhe, que com a maior urgencia, e brevidade, enviasse para Pernambuco os instrumentos e os Engenheiros , na conformidade dos ajustes do seu antecessor. Um anno ha decorrido desde a recepção do officio do Presidente , e o nosso Diplomata ha recusado até hoje cumprir as ordens sob o absurdo pretexto , que uma

revolução podendo romper no Brasil, elle responsavel ficaria pelos ajustes. Mas por outra parte logo dias depois do despacho elle apressou-se em escrever ao governo Imperial, que o Presidente de Pernambuco o incumbira de tal empresa, e que no seu *enthusiasmo patriotico, e ardentissimo zelo pela prosperidade material das nossas provincias*, não perdêra tempo em dar cumprimento á aquella incumbencia, etc. etc. Provavelmente o governo deo-lhe gabos por estas declarações, como em outras circumstancias tem acontecido. por que em fim os tempos são propicios aos reffinados charlatães, e a nossa *Diplomacia* he feita com o governo. Poderiamos apontar sobre *abuso* de poder algumas pessoas distinctas a quem elle demorou os passaportes, por vingança particular

como sêjão os senhores Marquez de M. o Ex<sup>mo</sup> Ministro MM. e nestes ultimos dias ao consul geral o Sn<sup>or</sup> A. e outros casos que a todo o tempo apparecerão. Entretanto que deo passaporte, contra as ordens do governo, a um Africano, que hia para Pernambuco.

Convem tambem lembrar, que tendo recebido ordem, e dinheiro do Presidente da Bahia para comprar uma porção de livros para a Bibliotheca daquella Provincia, em lugar de dar esta commissão a um homem que disto se occupa, e que se lhe offerêcera de dar os livros classicos por pouco preço, mandou elle por seus creados comprar aqui e alli alguns livros de pouca monta, e os fez encadernar em differentes partes, do que resultou que tudo sahio pelo dobro, o que acontece

sempre que se compra em detalhe, ficando o Bibliotheca mal fornecida, e o dinheiro da Provincia esbanjado sem fructo.

NOTA 3, pag. 75.

Vou passar por valente! elle por fraco!

Este caso do doello he digno de memoria, e de uma comedia mais estença; o que pode haver de mais interessante para o theatro, que um amigo que desafia o seu amigo, e isto sem razão alguma? Um Ministro Plenipotenciario, que na côrte de sua missão chama a um doello um empregado subalterno? Preparai-vos, futuros compositores de comedias, que o Brasil fornece panno para as mangas!

NOTA 4, pag. 76.

Dizem qu' elle fazia o mesmo em Roma.

Diz o proverbio; goza bôa fama, e deita-te a dormir. Uns rabálhão, e outros gózão a reputação. Assim acontece com o nosso homem, occupado em escrever cartas banaes para ser lembrado de quantos alguma influencia na patria exercem, entregava todo o trabalho official ao secretario; o que mais he, em Roma sua correspondencia era em Italiano, sem que elle soubesse escrever uma linha nesta lingua. Nada mais curioso que ouvil-o fallar Francez! Não sei o governo por que não nomea algum interprete para acompanhal-o á côrte, por que as vezcs não lhe respondem por não saberem o que elle quer diz com o seu engrimanço.

NOTA 5, pag. 76.

Delle ao juiz de paz ja foi queixar-se ,

O caso da cosinheira he o seguinte. Costumava o heroe deste episodio a sommar no fim de cada semana a lista das despesas apresentada pela cosinheira , e pagando , punha o competente. — P. G. N'um sabado devendo sahir deixou de o fazer , e na proxima semana apresentou a cosinheira a lista das duas semanas ; contentou-se elle com pagar a última , allegando ter pago a primeira , cujas despesas emportavão em 70 e tantos francos ; pondéra a cosinheira suas razoens , lembra-lhe que elle nem sommára as despesas , nem pozera o P. G. diz elle que se esquecêra de sommar . mas que pagara ;

replica-lhe ella , como poderia ter elle pago sem ter sommado , sem saber emquanto a lista emportava : palavras daqui , palavras dalli ; elle não paga , e a cosinheira vai queixar-se ao juiz de Paz ; este allegando não poder metter-se com um Diplomata , a cosinheira queixa-se ao Ministro , e como entre um Diplomata e uma cosinheira devia a corda quebrar pelo mais fraco , o Ministro , para não entrar em questão por 70 francos , deixou o caso passar , e a pobre cosinheira ficou com o cheiro dos quisados que fez na semana , e perdêo o dinheiro com que comprára os cheiros.

NOTA 6 , pag. 80.

Isso deve vender-se nas boticas ;

Este caso do Magnetismo he muito



galante, e mostra sua estupidez. Até os meninos de escola em Paris sabem o que he o Magnetismo. Fallava-se um dia em sua presença de Magnetismo animal, e do uso tão commum que em França se fazia. Apontou-se que Fernando VII prohibira o uso na Hespanha, ao que respondeu elle em tom cathedratico: os buticarios não deviam vender o Magnetismo, senão quem apresentasse uma receita do facultativo. Um riso sardonico gyrou nos labios de quem o ouviu. Mas isto não admira tanto em um Diplomata pois não conhece o genero do magnetismo, se masculino ou feminino, se liquido ou sólido, mas o que admira he que elle dissesse, que no Brasil não se devião fazer estradas, por que não havia quem por ellas caminhasse! O sujeitinho cuida que o Brasil está vacuo como sua cabeça.

NOTA 7 pag. 85.

Eu desfaleço , e com remorsos morro.

Parecerá caçoada este furor de Orestes , mas narraremos as proprias palavras do homem unico. « Sofro immenso dos nervos , e de tal maneira que quando me acho só tenho medo de tudo : se o vento entra pela janella, ou porta, e embalança o meu capote, se o gato passeia, até mesmo a minha sombra, tudo me causa horror ! triste molestia a dos nervos. » Não sabia o sujeitinho que elle narrava o fundo do seu coração carregado de remorsos. E cuida elle que a Igreja de S. Roque he passa culpas, e que Deos perdoa crimes com oraçoens e extasis fingidos.

NOTA 8, pag. 91.

*Esse são Diplomatas peregrinos.*

Os que não estão na *contradança diplomática* não poderão saber o que isto quer dizer, pelo que he forçoso explicar que o governo com suas continuas mudanças no pessoal da diplomacia, novas nomeações, demissoens desnecessarias, e mesmo peores dá uma má ideia de sua estabilidade, alem de dobrar as despezas com ajudas de custos : o que nestes dous annos cifrou para cima de 40 contos de reis; isto he, o que se devia fazer com 40, fez-se com 80, e tudo foi para peor. Se o governo fizesse boa escolha, e não baptisasse tantas creanças, não se veria forçado a isto.

NOTA 9, pag. 92.

Achei-me entre sargentos, besta e estatico.

Malditos sejam os versos, que he preciso recorrer-se a uma nota para se explicar o caso! Um dia he o nosso diabo diplomata que o Rei recebia, e como estivesse bucal na materia, cuitou que havia recepção diplomatica, apresenta-se na côrte, e tão besta que nem vio, que só gente do povo, e militares ahi se achavão; faz cauda com elles, e o Rei que o não esperava cahio das nuvens ao vel-o; e elle mui envergonhado foi-se escafe-dendo.

NOTA 10, pag. 93.

Todo o mundo de mim se estava rindo.

Este caso creio que não carece de nota.

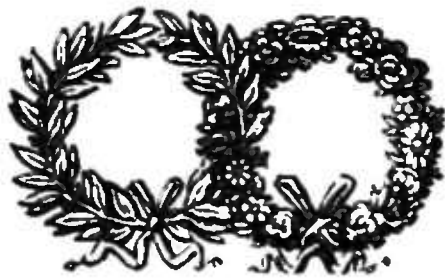
que na obra está bem explicado ; certifica-  
mos que elle he certissimo. Terminarei  
este trabalho na verdade arriscado, di-  
zendo.

Quando o crime levanta a fronte impune  
A virtude calcada aos pés definha ;  
Mas a publica voz então se eleva ,  
E a satira o seu lâtego empunhando,  
Vai pela lei ferindo o criminoso.  
Quem a satira odeia sem exame  
Ou he muito innocente , ou he culpado.  
Mas sem castigo he van a liberdade.





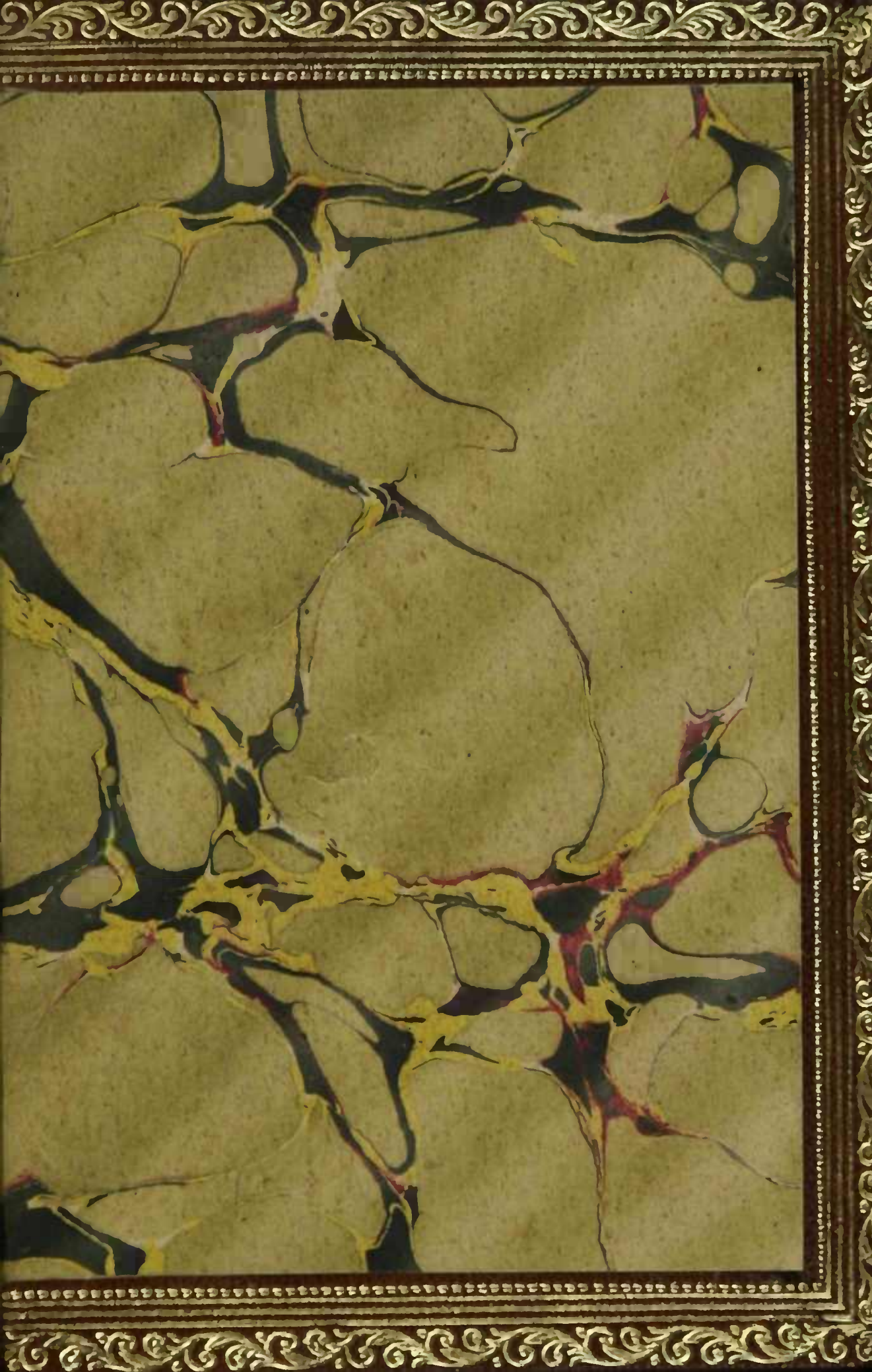














## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).